

A Escolástica como Filosofia e Método de Ensino na Universidade Medieval: uma reflexão sobre o Mestre Tomás de Aquino

Terezinha Oliveira*

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar a filosofia escolástica do século XIII por meio da questão do 'Respeito' (Q. 102-II-II^{ac}), virtude tratada pelo mestre Dominicano Tomás de Aquino na *Suma Teológica*. Ao elegermos esta questão, procuramos explicitar que ela reflete, ao mesmo tempo, o método e a filosofia da Escolástica. Isso fica evidente pelo fato de o ensino ser iniciado por meio da proposição de um tema sob a forma de uma sentença (indagação). Em seguida, o mestre apresenta uma autoridade que é contrária e outra que é favorável a ela. Por fim, o mestre expõe a sua posição/reflexão. Esta forma de tratar a questão revela que existia, por parte do mestre, a preocupação em ensinar e refletir sobre as diferentes concepções acerca do tema proposto. As autoridades utilizadas para os argumentos, prós e contras, eram sempre passagens da Sagrada Escritura e Filósofos da Antiguidade, especialmente Aristóteles. Ao se pautar nas duas correntes do conhecimento existentes no medievo, Tomás de Aquino e outros mestres escolásticos explicitavam a escolástica como filosofia. Desse modo, ao debater a questão do 'Respeito', Tomás de Aquino faz uso do método e da filosofia escolástica para tratar de um problema que atingia a sociedade, ou seja, a necessidade de os homens da cidade reconhecer a importância do respeito para o convívio cotidiano nessa ambiência. Assim, nosso propósito é evidenciar que uma filosofia pode tornar-se um método de ensino e, concomitantemente, orientar as pessoas para enfrentar os problemas do seu presente.

Palavras chave: Filosofia Escolástica; Tomás de Aquino; Universidade Medieval; Cidades; Respeito.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the scholastic philosophy of the thirteenth century through the issue of 'Respect' (Q. 102-II-II^{ae}), a virtue treated by the Dominican master Thomas of Aquinas in the *Summa Theologica*. By electing this issue, we tried to explain that it reflects at the same time, the method and philosophy of Scholasticism. This is evident by the fact that the teaching is started by proposing a theme in the form of a sentence (question). Then, the master presents an authority that is contrary and one that is favorable to it. Finally, the teacher sets out his position / reflection. This way of addressing the issue reveals that existed, on the part of the master, the concern in teaching and reflect on different conceptions about the theme. Authorities used for the arguments, pro and con, were always passages of Scripture and the ancient philosophers, especially Aristotle. Being guided by the two streams of knowledge existing in the Middle Ages, Thomas of Aquinas and other Scholastics masters reinforced the Scholastic as a philosophy. Thus, when discussing the issue of 'Respect', Aquinas makes use of the method of the Scholastic philosophy to address a problem that affected the society, i. e., the need for the townsmen recognize the importance of respect for everyday living in this ambience. Thus, our purpose is to show that a philosophy can become a teaching method, and concomitantly guide people to face the problems of the present.

Keywords: Scholastic philosophy; Thomas of Aquinas; Medieval University; Cities; Respect.

* Doutora em História e Pós-Doutora em História e Filosofia da Educação. Professora na Universidade Estadual de Maringá. Esse texto é parte de uma pesquisa financiada pelo CNPq-PQII. E-mail: teleoliv@gmail.com

Introdução

Refletir sobre o pensamento de Tomás de Aquino, um dos maiores mestres da filosofia medieval, é sempre um desafio, especialmente em uma época como a nossa em que as mudanças sociais, culturais, técnicas e tecnológicas ocorrem em uma velocidade avassaladora e tornam o presentismo condição essencial da vida e, por conseguinte, dos projetos e políticas educacionais. No afã de solucionar questões cotidianas e imediatas, muitos de nossos encaminhamentos revelam um abandono crescente do filosofar. Sob este aspecto, retomar um filósofo teólogo da medievalidade é quase uma ‘anomalia teórica’, uma vez que os problemas da atualidade, na maioria das vezes, apontam para soluções práticas e fugazes. Essa busca de saídas efêmeras e pragmáticas para as crises contemporâneas que eclodem nas relações sociais, educacionais, culturais, é o caminho ‘natural’, já que, como professora da universidade, formadora de pessoas e opiniões temos a expectativa de que possamos apresentar soluções e resolver os problemas sociais em ações práticas na sala de aula.

Certamente não estamos a afirmar que um ensino prático não seja importante para a formação de uma pessoa e possa apontar caminhos para a sociedade. Ao contrário, nossa questão é explicitar que não podemos, no âmbito da filosofia e da história da educação, separar a prática das ideias. Assimilamos, desde muito tempo, o princípio de Aristóteles, apresentado na *Ética a Nicômaco*, de que é na prática de ações justas e corretas que nos tornamos virtuosos e justos, ou ainda a formulação de Hugo de Saint-Victor de que “[...] a necessidade é a mãe de todas as artes” (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2011, L. I, c. 9, § 4). É, pois, em virtude de termos aprendido e ensinarmos que nós somos o que as nossas ações revelam que consideramos vital que esta prática seja mediada pela reflexão filosófica, logo, pensamos o conhecimento/homem como um todo, indivisível. Nesse sentido, seguimos o caminho assumido pelo mestre Tomás, especialmente na *Unidade do Intelecto* de que não é possível existir homem sem intelecto, na mesma proporção de que não há intelecto sem a materialidade corpórea do homem. Este princípio é válido para o ensino e a aprendizagem: não há teoria sem a prática e não prática sem a teoria.

Essa relação imbricada no campo do conhecimento na qual ideia e a ação são faces de uma mesma moeda será o fio que norteará este texto já que para entendermos a filosofia escolástica como teoria/método e a Questão sobre o ‘Respeito’ como uma reflexão teórica que evidencia a ambiência cotidiana e cidadina do século XIII, é preciso vê-las como únicas e totalizantes. Em face deste delineamento, apresentaremos nossas reflexões em dois tópicos. No primeiro abordaremos a questão da

escolástica e no segundo, refletiremos sobre as formulações sobre o Respeito em Tomás de Aquino.

Reflexões sobre a Escolástica

Há alguns anos temos nos dedicado a estudar a Filosofia Escolástica¹ e buscado entender como este modo de pensar, no qual as escolas medievais erigiram suas fundamentações teóricas, pôde legitimar, sob diferentes modos - já que os momentos históricos foram distintos - a construção mental do homem medieval no Ocidente e, a partir do século XIII, tornar-se, também, no método de ensino universitário².

Ao lermos Martin Grabmann, filósofo alemão do início do século XX observamos que isso foi possível porque Escolástica esteve vinculada à vida e às ações dos homens. Sua definição de Escolástica indica que entende esse conhecimento como próprio do ser medieval, como a filosofia cristã: “Por la apariencia y la forma externa, la filosofía cristiana de la Edad Media nos aparece, según lo indica ya el nombre de Escolástica [...]” (GRABMANN, 1949, p. 34). Ou seja, não se trata apenas de um filosofia ou método, mas de uma forma de os homens medievais se explicarem.

A análise que esse autor faz da Escolástica é importante também sob um outro ângulo, qual seja, o do caráter original dessa filosofia cristã. Comumente se registra que a Idade Média foi um período intermédio porque nada criou, somente manteve o conhecimento dos filósofos antigos e a tradição dos primeiros Padres da Igreja. Tratar-se-ia, portanto, de uma recopilação do já visto e criado. Grabmann mostrar-nos que ela não foi isso. Embora a Escolástica busque na Antigüidade e nos padres da Igreja a fonte de informação, observa que sua base teórica de explicação do mundo está baseada em uma instituição, por essência, medieval, as escolas. Primeiro, as escolas monásticas, especialmente na Alta Idade Média, depois nas escolas palacianas, nas cidadinas e laicas do século XII e, por fim na Universidade.

La palabra *scholasticus* tiene también a veces hasta el siglo XII la significación de discípulo o escolar. Más tarde se llama escolástico en general a todo aquel que da enseñanza en las escuelas, especialmente de Filosofía y Teología. La denominación propia de los que enseñaban Filosofía y Teología era, en la escolástica propiamente dicha, la de

¹ Um dos artigos que publicamos sobre essa temática é Poder e escolástica no Ocidente.

² Não entraremos neste debate aqui porque não é a questão. Sugerimos a leitura do nosso livro, publicado em 2005, intitulado *Escolástica*.

magister (magister, artium, magister in theologia). Pedro de Poitiers (+1205) usa la denominación de *doctor scholasticus*. Como ciencia de las escuelas el pensamiento filosófico de la Edad Media se formó primero en las escuelas de las catedrales y de los conventos, después en las Universidades. El desarrollo de la enseñanza desde las escuelas catedralicias y conventuales a los centros científicos de las Universidades, del *studium generale*, fué de poderoso influjo para la evolución de la Escolástica. Precisamente la formación de Facultades de artes en las Universidades y la práctica de que los escolares y los profesores de Teología perteneciesen primeramente a las facultades de Filosofía influyó en la constitución de la filosofía como ciencia independiente en el siglo XIII y especialmente en el XIV. Paris fué llamado por Alberto Magno la *civitas philosophorum*. A esa íntima conexión entre la naturaleza de enseñanza y la ciencia se debe que el carácter de las escuelas imprimiera su sello en el pensamiento y el trabajo científicos. La labor de las escuelas tenía, singularmente en la época de las escuelas catedralicias y conventuales, el carácter de una tradición, de una transmisión de conocimientos en fórmulas fijas. De aquí también, la receptividad y el aspecto en cierto modo corporativo del pensamiento científico, de aquí el respeto a las *definitiones* y *auctoritates magistrales*, de aquí el más frecuente empleo de determinadas citas, cuestiones, objeciones, etc., a través de las generaciones científicas (GRABMANN, 1949, p. 34-35).

São as escolas, ao longo da medievalidade, que elaboraram e formularam a filosofia cristã e é isso que Grabmann destaca nessa passagem. A Escolástica é uma criação medieval, que surgiu no interior das escolas, no seio das relações medievais. É filha dos conventos, das catedrais e, mais tarde, das Universidades medievais. Trata-se, portanto, de algo novo. Mais do que isso, ela responderia às questões humanas de sua época, revelando, assim, um impulso vital que passa despercebido aos estudiosos que julgam que a Escolástica nada teria criado.

Do ponto de vista de Grabmann, a Escolástica foi a maneira que os homens medievais elaboraram para produzir o saber, seja das coisas divinas, seja das coisas humanas e naturais. Exatamente por considerar que a Escolástica foi essa forma de ser do medievo que afirma ter sido Boécio (480-525) o último romano e o primeiro escolástico.

En Occidente, Boécio, el último romano y el primer escolástico, introdujo por medio de traducciones y

comentarios el pensamiento aristotélico, especialmente em lo que se refiere a la Lógica, mientras que su *Consolatio philosophiae*, muy leida y comentada en la Edad Media, tiene una base neoplatónico-escolástico (GRABMANN, 1949, p. 10-11).

Ao fazer esta afirmação, o autor coloca na ordem do dia não só o fato de que a Escolástica esteve presente desde o primeiro momento da Idade Média, mas, também, que ela pode ser entendida como a junção do conhecimento greco-romano e do patrístico.

Em Ruy Nunes, outro estudioso da temática, na obra *História da Educação na Idade Média*, nós nos deparamos com informações sobre a Escolástica que nos permitem chegar as mesmas percepções das de Grabmann, aliás, ele próprio o retoma para explicitar a formulação de este filósofo sistematizou a vida dos homens no medievo.

Quando se considera o conjunto de doutrinas que o termo escolástica abrange e quando se observa que é a filosofia, a disciplina que exprime os seus aspectos mais salientes, pode afirmar-se com Grabmann que a escolástica é um modo de pensar e um sistema de concepções em que se valoriza a vida terrena como dom admirável de que usufruímos para o nosso bem e para o nosso desenvolvimento pessoal e em que se admite que o ser do homem não se esgota no breve tempo da sua existência terrena, uma vez que o homem tem um fim supraterrano e eterno e o destino de uma vida interminável, sobre poder crescer ainda neste mundo na vida sobrenatural que ele obtém através do batismo. Portanto, num primeiro momento, casam-se na escolástica a concepção filosófica da vida terrena, da sua transcendência às limitações deste mundo e a mundivivência cristã em que a revelação de Cristo assegura que a vida continua além da morte, que um destino feliz ou infeliz aguarda o homem conforme o seu modo de viver na terra, e que neste mundo já se é possível ao homem nascer para a vida sobrenatural e nela crescer até que possa, após a morte, fixar num estado definitivo de completa beatitude ou de felicidade eterna (NUNES, 1979, p. 244-245).

Essa passagem de Nunes é bastante elucidativa porque nos mostra que a Escolástica, mais do que um método de ensino baseado na *disputatio* ou de uma forma de leitura, é a maneira que os homens medievais encontraram para realizar suas ações. Não se trata apenas de uma forma específica que os ‘letrados’, os ‘intelectuais’, os ‘teólogos’, encontraram

para evidenciar a vida, as relações humanas e praticarem as ciências e, especialmente, a filosofia. Acima de tudo, trata-se de uma forma nova de pensar que traz em seu bojo o conjunto da sociedade, desde o mais humilde dos homens até o soberano.

De que maneira ela tornou isso possível? Na medida em que Escolástica foi a um só tempo a religião cristã e o conhecimento georomano, o seu filosofar chegava até os humildes por meio da religiosidade, ensinando e pregando a sabedoria contida nos Escritos Sagrados, ditava a forma como os pobres deviam pensar e se comportar. Ao ensinar, nos mosteiros, nas escolas e na universidade, o conhecimento antigo permeado pelos escritos sagrados, os mestres escolásticos, também expunham a forma como os futuros monges, os filhos de nobres, em síntese, os futuros dirigentes dos poderes eclesiásticos e laicos deveriam pensar e agir. É preciso, portanto, salientar que nas duas situações em que os mestres escolásticos ensinavam, tinham a pessoa na sua totalidade, pois não perdiam de vista o homem nas suas duas dimensões: a material e a mental. Em relação ao mundo material, não podemos esquecer que as ações dos homens no medievo, em geral, foram delineadas por suas crenças e estas definiam os seus atos. Essa influência atingia, de forma mais acentuada, àqueles que tinham acesso ao ensino nas escolas, pois construíam uma interpretação do mundo pautado na religiosidade, do mesmo modo que os humildes, mas ao mesmo tempo, formavam-se no conhecimento antigo sobre as ciências da natureza. Nesse segmento social a possibilidade de se produzir mudanças sociais eram mais explícitas já que os dirigentes sociais, laicos ou eclesiásticos, eram formados nas escolas cristãs.

Todavia, observamos que a importância da Escolástica enquanto filosofia cristã, base da mentalidade do homem medieval, quando é considerada pelos historiadores e educadores da educação, em geral, está vinculada ao século XIII, momento em que ela se torna método, com a fundação da Universidade. Essa percepção do filosofar medieval pode eventualmente reduzir o ensino escolástico na leitura, repetição e memorização do conhecimento³, ou seja, em um pragmatismo que retira a sua essência e natureza filosófica: produtora da reflexão. É, pois dentro desta perspectiva que analisaremos a Questão 102.

³ Um exemplo desta abordagem pode ser encontrada em Franco Cambi (1999, p. 185-186).

A Questão do Respeito

Sem perder de vista a ideia de que a Escolástica foi a filosofia do medievo ocidental, principiamos a analisar a Questão (Q. 102 II-II^{ae}) tomasiana considerando-a em consonância com a maneira que a reflexão e o ensino assumiram no século XIII. Em primeiro lugar, ela está inserida na *Suma de Teologia*, considerada pela maioria dos estudiosos de Tomás de Aquino (GRABMANN, 1944, 1949; STEENBERGHEN, F. VAN, & FOREST, A. & GANDILLAC, M. 1951-76; CHENU, 1967; PIEPER, 1973; TORREL, 1993; GILSON, 1997; LIBERA, 1999; LAUAND, 2002) o seu principal escrito.

Na verdade, esta obra é ordenada seguindo o formato dos textos universitários, que passaram a ser organizados como sínteses dos grandes conhecimentos. De acordo com Grabmann (1944, p. 7): “A *Suma*, resumo sistemático de uma ciência, é obra mais original que as *Sentenças*. [...] designa a exposição de um conjunto de disciplinas as mais diversas”. Desse modo, a *Suma de Teologia* do mestre Tomás não é uma especificidade dele, mas do seu tempo.

Logo no Prólogo, o Mestre evidencia a finalidade da *Suma*, ou seja, ela é eminentemente pedagógica. Ele pretende que os iniciantes em teologia possam, ao ler as questões, compreender e assimilar e ensinar o ‘espírito’ do conhecimento cristão.

O doutor da verdade católica deve não apenas ensinar aos que estão mais adiantados, mas também instruir os principiantes, segundo o que diz o Apóstolo: “Como as criancinhas em Cristo, é leite o que vós dei a beber, e não alimento sólido”. Por esta razão nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã do modo mais apropriado à formação dos iniciantes.

Observamos que os noviços nesta doutrina encontram grande dificuldade nos escritos de diferentes autores, seja pelo acúmulo de questões, artigos e argumentos inúteis; seja porque aquilo que lhes é necessário saber não é exposto segundo a ordem da própria disciplina, mas segundo o que vai sendo pedido pela explicação dos livros ou pelas disputas ocasionais; seja ainda pela repetição freqüente dos mesmos temas, o que gera no espírito dos ouvintes cansaço e confusão.

No empenho de evitar esses e outros inconvenientes, confiando no auxílio divino, apresentar a doutrina sagrada sucinta e claramente, conforme a matéria o permitir (*ST. Prólogo*, § 1-2).

O Aquinate associa o conhecimento ao alimento e salienta o fato de que aqueles que estão principiando a aprender precisam ingerir líquidos já que não sabem e - seu próprio organismo não está preparado para tal - não estão aptos a receber alimentos sólidos⁴. Em virtude disso, o Mestre assinala que é preciso começar das coisas simples para que os alunos compreendam o que está sendo ensinado e, por conseguinte, aprendam. Outro aspecto a ser destacado nesta passagem é a preocupação que o Mestre revela quanto à forma como o conhecimento está sendo ensinado. Segundo ele, há excessos de questões, repetições de temas, argumentos inúteis, confusões de artigos, etc. Em face disso é preciso que os ‘iniciantes’ tenham acesso a ‘doutrina sagrada’ de forma direta e explícita. Com vistas a ensinar a doutrina cristã atingindo estes objetivos, ele se propõe a escrever a *Suma*.

Outra característica a ser salientada é a forma com que Tomás de Aquino reflete e ensina os temas a serem disseminados. Como mestre escolástico, ele o normaliza sob a forma da ‘Questão’. De acordo com Grabmann (1944, p. 13),

A *Quaestio* ocupava, no ensino teológico, durante a idade média, os exercícios de discussão organizados pelo professor com seus discípulos. Importa distinguir aqui, de um lado, as *Disputationes ordinariae* e sua redação literária, as *Quaestiones disputatae*; de outro, as *Disputationes quodlibetales* e sua relação escrita, as *Quaestiones quodlibetales*⁵.

Como o ensino escolástico universitário era realizado por meio das disputas e as questões, grosso modo, eram sistematizadas como os diálogos, primeiramente sob a forma oral para depois serem redigidos, é evidente que a Questão que elegemos estava destinada, também, a ser difundida entre os estudantes e os mestres. Nossa afirmação está em consonância com Grabmann (1944, p. 15) que observa o fato de que as questões da *Suma de Teologia* não resultaram dos embates em sala de aula, mas seguramente ela “[...] foi escrita para servir de livro escolar aos estudantes de teologia”.

A Questão sobre o ‘Respeito’ é sistematizada em três artigos que são: Artigo 1. ‘O respeito é uma virtude especial, distinta das outras?’;

⁴ Essa analogia entre conhecimento e alimento foi muito recorrente na Idade Média, desde as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha.

⁵ Recomenda-se, para aqueles que pretendem aprofundar a temática a leitura completa *Introdução à Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*.

Artigo 2 – ‘Cabe ao respeito prestar culto e honra às pessoas constituídas em dignidade’? e o Artigo 3 – ‘O respeito é uma virtude superior a piedade’?

Nos três artigos, o Mestre apresenta três argumentos favoráveis às sentenças e um contrário para, depois, responder e apresentar as suas reflexões sobre elas. Nesse sentido, formalmente, a questão é ensinada dentro do modelo escolástico: uma sentença, a apresentação dos argumentos favoráveis, o contrário e, em seguida, apresenta-se a posição do professor.

Após apresentarmos a forma prática do ensino, recuperamos o aspecto que consideramos vital para que a escolástica fosse à filosofia cristã, por excelência, que é o conhecimento de duas naturezas distintas de entendimento de mundo (a religiosidade cristã e a filosofia greco-romana), sob um único eixo: o teológico-filosófico. Esse fio é apresentado nos artigos. No primeiro, Tomás de Aquino serve-se de Túlio e de S. Paulo (Carta aos Romanos), para refutar a sentença e de Túlio, novamente, para aceitar a mesma. No segundo artigo, apropria-se de S. Agostinho e S. Paulo para refutar a sentença e de Túlio para o argumento favorável. No terceiro, ele próprio apresenta argumentos favoráveis e contrários à sentença para, em seguida, responder e se posicionar em relação a ela.

A nossa reflexão sobre esta questão é, como já salientamos anteriormente, explicitar que a Escolástica exatamente porque concebia o homem e conhecimento como único, do mesmo modo que a religião e a cultura antiga era o modo de ser da filosofia cristã quando, a partir dela, os mestres universitários - entre eles Tomás de Aquino - desenvolveram o método de ensino, conservaram nele a ideia da totalidade presente na teoria filosófica. Portanto, o método tal como a filosofia conservaram-se entrelaçados, dito de outro modo, mantiveram a concepção de totalidade entre o que hoje conceituamos de teoria e prática.

É, pois, em virtude desta unicidade que a ‘Questão sobre o Respeito’ torna-se importante de ser analisada. Ao debater sobre o Respeito e a sua condição de virtude social, o Mestre Tomás apresenta aos alunos um tema relevante para o convívio deles em sociedade já que os prepara para entender os complexos meandros das relações sociais que floresciam nas cidades e, ao mesmo tempo, trata-o como uma questão teórica que precisa ser entendida por meio da reflexão.

No primeiro artigo quando Tomás de Aquino argumenta se o Respeito é uma virtude especial e distinta das demais, ele destaca que vida em sociedade apresenta às pessoas níveis desiguais de relacionamentos e que cada um deles exige âmbitos distintos de comportamento. Em virtude disso, o Mestre apresenta as diferenças existentes entre o respeito que um

filho devota ao pai, do respeito com o qual um súdito se dirige ao seu governante e, ainda, da diferença do respeito que um fiel devota à religião e a Deus. Assim, ainda que o respeito esteja presente nos três níveis de relacionamento, a forma de se praticar este respeito é peculiar, em virtude dos ‘lugares’ que as pessoas ocupam nas relações sociais.

Ora, uma pessoa constituída em dignidade é como um princípio de governo em determinados domínios: por exemplo, o chefe da cidade nos assuntos da vida civil, o chefe do exército no domínio das operações militares, o mestre no plano do ensino, e assim por diante. Daí a razão por que tais personagens são chamados de “pais”, por semelhança da função. Assim, os servidores de Naaman lhe diziam: “Pai, mesmo que o profeta te pedisse algo de difícil” etc. Por conseguinte, como na religião, que presta culto a Deus, se encontra, numa certa ordem, a piedade que nos leva a render honra aos pais, assim também, na piedade se encontra o respeito, pelo qual se prestam honras às pessoas constituídas em dignidade (*ST. II-II^{ac}*, q. 102, a. 1., rep.).

Ainda no mesmo artigo, o Mestre chama a atenção para diversos níveis de dignidade que determinadas pessoas ocupam na sociedade e as exemplifica destacando o papel do governante de uma cidade e ressalta o fato de que, ao mesmo tempo em que o súdito deve-lhe um respeito especial por dirigir-se ao líder, este por sua vez, precisa também praticar o respeito em relação aos seus súditos, ainda que sejam respeitos de naturezas distintas.

Nas reflexões do Mestre acerca da relação de respeito entre o governante e o súdito, destacamos que ele se pauta em Aristóteles para estabelecer a ideia de motor e movimento que existe na sociedade. Para Tomás de Aquino, o governante é alguém que possui dignidade, portanto, virtude superior aos súditos, que o possibilita conduzir a sociedade, portanto, ele se constitui no motor das relações.

Ora, todo aquele que move tem, com relação ao que é movido, uma certa superioridade e um certo poder. Em primeiro lugar, pois, é necessário considerar naquele que se acha constituído em dignidade a excelência do estado acompanhada de certo poder sobre os súditos. Em segundo lugar, a própria função do governar. Pela razão de excelência, a eles se deve honra, que é uma forma de reconhecimento da excelência de alguém. Em razão da função do governo, a eles se deve culto, que consiste

numa certa forma de deferência, enquanto os súditos prestam obediência a seu mando e procuram responder aos seus benefícios na medida de seus meios (*ST. II – II, q. 102, a. 2., rep.*).

Nesse sentido, ao governante deve-se respeito, não pela condição de ser governante, mas por ser a pessoa que está no lugar do motor e ser quem possui a condição de atrair e provocar o movimento das relações sociais. Portanto, o respeito a esta autoridade não está simplesmente na posição, mas na ação/movimento que este faz para dirigir a sociedade com vistas ao bem comum.

O segundo exemplo, tratado no primeiro artigo, é o respeito que se devota a uma pessoa que possui a virtude da ciência. Esta pessoa deve certamente ser respeitada em relação a sua dignidade, mas a condição de respeito também é diferente em relação ao governante, ao pai, etc. Desse modo, finaliza a resposta do artigo observando que em algumas situações sociais o respeito é uma virtude especial, mas em outras, como no caso da virtude da justiça, por exemplo, o respeito é uma virtude igual e não superior.

No segundo artigo da Questão no qual Tomás de Aquino discorre sobre o fato de se cabe ao respeito prestar culto e honra a pessoas constituídas em dignidade, ele destaca o fato de que há determinadas pessoas que, por ocupar lugares de destaque na sociedade, como o governante, por exemplo, deve receber a honra a dignidade por parte de seus súditos.

O outro exemplo em que o Mestre destaca em relação a situações em que as pessoas devem, para com outro culto e honra, é no caso da dívida moral. De acordo com Tomás de Aquino, a dívida moral exige, sim, da parte daquele que deve um sentimento de gratidão que o leva a ter para com a outra pessoa uma atitude de louvor e honra, pois a pessoa a quem se deve gratidão é alguém que possui uma condição de dignidade que a distingue dos demais, já que possui virtudes superiores. “É assim que devemos culto e honra àqueles que são constituídos em dignidade, mesmo não sendo súditos deles” (*ST. II-II^{ae}, q. 102 a. 2, ad. 2*). Nessas situações o Mestre observa que às pessoas superiores, as demais pessoas da sociedade, devem prestar culto e honra. Logo, o culto e a honra também fazem parte do respeito, mas somente em situações especiais.

No último artigo da Questão, no qual a indagação é se o respeito é uma virtude superior a piedade, Tomás de Aquino salienta que quando o respeito é comparado a piedade nas relações sociais - novamente retoma a situação de governado e governante e das relações entre pais e filhos – esta virtude torna-se superior a primeira porque na sociedade as ações

convergem sempre para o bem comum. Todavia, quando se trata de uma dignidade que se destina aos interesses singulares “Quando o serviço é prestado especialmente pelo interesse ou à glória individual das pessoas constituídas em dignidade. E isto se refere propriamente ao respeito enquanto distinto da piedade” (*ST. II-II^{ae}*, q. 102, art. 3, resp), o respeito torna-se uma virtude distinta da piedade, mas não superior.

Exatamente porque se trata de duas virtudes essenciais à vida comum que o Mestre salienta que só é possível comparação entre respeito e piedade se considerar a complexidade das relações que os homens travam entre si,

É evidente que nossos pais e todos aqueles a nós ligados pelos laços do sangue estão unidos a nós de modo muito mais substancial do que as pessoas constituídas em dignidade; de fato, a geração e a educação, cujo princípio é o pai, nos concernem muito mais substancialmente do que o governo exterior, que tem por princípio aqueles que estão estabelecidos em dignidade. A este respeito, a piedade supera o respeito, porque rende culto a pessoas que nos tocam de mais perto e para com as quais temos muito mais obrigações (*ST. II – II*, q. 102, a. 3, rep.).

Ao considerar as relações que as pessoas travam entre si, Tomás de Aquino considera que quando se trata das relações familiares, especialmente àquelas travadas entre pais e filhos, a proximidade consanguínea, as obrigações que pais e filhos têm entre si, a dignidade que existe em obedecer, cuidar e respeitar pai e filho, exige da pessoa um estado de virtuosidade condizente com a piedade, logo, nessa situação, a piedade é superior ao respeito.

Após analisarmos os três artigos que compõem a Questão 102, depreendemos alguns aspectos que julgamos relevantes à nossa análise. Em primeiro lugar, o uso do método escolástico para sistematizar o conteúdo a ser ensinado. Em segundo lugar, o objetivo geral do Mestre foi tratar da virtude do respeito. Ao trabalhar este tema, ele sinaliza que esta virtude é bastante variável em relação a outras virtudes, com ênfase para a caridade e a piedade (virtudes essenciais ao cristão, pois são teológicas), ora o respeito está no mesmo nível de outras virtudes, ora é inferior, ou ainda está em condição especial a outras virtudes. Em terceiro lugar, o Mestre explicita que a virtude do respeito não é estática, mas variável de acordo com a situação, com a dignidade e com o lugar social com que cada pessoa ocupa na sociedade, em síntese, Tomás e Aquino evidencia que é preciso

ter a compreensão da virtude nos seus mais amplos contextos. Por fim, ensina a virtude do respeito vinculando-o a sociedade, já que este conhecimento para o cristão só tem sentido se for aprendido, se entendido como um ‘conteúdo’ necessário à vida na sociedade.

Considerações Finais

O debate que ora encerramos teve como objetivo explicitar uma temática que é essencial a filosofia e a história da educação que é entender o ensino, por conseguinte, a produção do conhecimento como um processo que agrega na sua efetivação uma teoria, ou seja um princípio filosófico que norteie as razões pelas quais um conteúdo é importante. Ao mesmo tempo, que o conhecimento possa ser praticado e aponte caminhos para o futuro daqueles que estejam se apropriando dele. Que o conteúdo seja sistematicamente ensinado, dito de outro modo, que ele seja ensinado gradativamente, em consonância com as condições de aprendizagem daquele que está aprendendo. Por fim, que o aprendiz, veja no conteúdo a razão prática do que está aprendendo.

Todos estes aspectos encontramos na Escolástica e na Questão de Tomás de Aquino e esperamos ter os deixado explicitado, pois este foi o fio que procuramos estabelecer. Mais, o propósito foi evidenciar que a Escolástica como teoria não foi separada da prática quando ela se tornou método. A forma como o Mestre Tomás registrou o seu ensino, na Questão, serviu nos como um exemplo no qual o objetivo foi estreitamente vinculado as relações sociais do seu presente, sem, no entanto, abrir mão do conhecimento que os autores antigos e os Escritos Sagrados já haviam produzidos. Ele apresentou o seu ‘conteúdo’ explicitando ao seu leitor – o iniciante na doutrina cristã – que para compreender e praticar uma virtude era preciso compreendê-la na sua totalidade porque somente assim, o aprendiz saberia como fazer uso dela, no caso, em que circunstância e de que forma deveria ter para com o outro o ‘Respeito’ para viver em sociedade. Sob este aspecto, acreditamos que o estudo da Escolástica e a retomada de um escrito de Tomás de Aquino, nos possibilitam recuperar a memória de um *modus* de ensino no qual a teoria, a prática e a finalidade do saber estavam completamente amalgamados entre si. Por fim, para que a produção do conhecimento seja realizada é imprescindível que a filosofia, a cultura, a ciência, a religião, a história, de outros tempos, tenham sido apropriadas pelo Mestre, de tal modo que já tenham se constituído nele, como afirmará Aristóteles, em uma segunda pele (hábito). São, pois, estas as condições vitais para que sejamos e ensinemos os alunos a serem pessoas reflexivas.

Referências

- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHENU, M. D. **Santo Santo Tomás de Aquino e a Teologia**. Rio de Janeiro: Agir, 1967
- GILSON, Étienne. **Le Tommisme**. Sixième Édition. Paris: J. Vrin, 1997.
- GRABMANN, Martin. **Filosofia Medieval**. (1ª. Ed. 1928). Barcelona: Labor, 1949.
- LAUAND, L. J. **Em diálogo com Tomás de Aquino**. São Paulo: Editora Mandruva, 2002.
- LIBERA, A. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NUNES, R. A. C. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1979.
- OLIVEIRA, Terezinha. Poder e Escolástica no Ocidente Medieval, **Dimensões**, Vitória, v. 25, p. 267-285, 2010.
- PIEPER, J. **Filosofía Medieval y Mundo Moderno**. Madrid: Rialp, 1973.
- STEENBERGHEN, F. VAN, & FOREST, A. & GANDILLAC, M. **Le mouvement doctrinal du IX au XIV siècle**. Paris: Bloud & Gay, 1951-76. (Histoire de L'Église depuis les origines jusqu'a nos jours, 13).
- TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto contra os Averroístas**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- TOMÁS DE AQUINO, (**De magistro**) e **Os sete pecados capitais**. Trad. e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- TOMÁS DE AQUINO, **Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: SULINA EDITORA, 1990.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Paulus, 2001.

*Received on August 21, 2012.
Accepted on December 28, 2012.*